

A SEMANA – 158

John Gledson

Alguns temas preferidos: o Japão, o processo das eleições e a corrupção, e acima de tudo, uma constante destas crônicas, a imperfeição humana, concretizada na imagem da “galera magnífica” da civilização, alastrada de mariscos, que são “as guerras e outros fenômenos”. Os costumes mudam, nem sempre para pior: Machado já mencionara mais de uma vez o curioso hábito carioca de defender os fugitivos da lei (herança, sem dúvida, da escravidão): “a voz da liberdade de todos os séculos oprimidos”, como a chamaria na crônica de 24 de maio de 1896.



A SEMANA

9 de junho de 1895

[Edição, apresentação e notas por John Gledson]

Não estudei com Pangloss; não creio que tudo vá pelo melhor no melhor dos mundos possíveis.¹ Por isso, quando acho que censurar na nossa terra, digo com os meus botões: Há de haver males nas terras alheias, olhemos para a França, para a Itália, para a Rússia, para a Inglaterra, e acharemos defeitos iguais, e alguma vez maiores. Não costumo dizer: “Olhemos para o Japão”, porque é o único país onde parece que tudo se aproxima do otimismo de Pangloss. Vede este pedacinho da proclamação do micado ao povo, depois de vencida a China: “Regozijemo-nos pelas nossas recentes vitórias, mas é ainda longo o caminho da civilização que temos de percorrer... Não nos deixemos guiar por sentimentos de amor-próprio excessivo, caminhemos modesta e esforçadamente para a perfeição das nossas defesas militares, sem cair no extremo... O governo opor-se-á a todos quantos, desvanecidos pelas nossas recentes vitórias, buscarem ofender as potências amigas do Japão, e principalmente a China...”² Que diferença entre esta e as proclamações dos outros grandes Estados! Em verdade, essa linguagem prova que o Japão é alguém; mas, ainda assim, impossível que lá não haja tratantes. Notemos uma coisa: nós não temos³ os jornais da oposição de Tóquio.

A que propósito isto? A propósito da eleição da Bahia.⁴ Li que na apuração dos votos apareceram agora centenas de eleitores inventados, contando várias paróquias três e quatro vezes mais do que tinham há um ano. O espanto e a indignação que este fato causou a algumas pessoas, foram grandes, mas a falta de memória dos nossos concidadãos não é menor. Quem pode ignorar que essa multiplicação de eleitores não é

¹ “Tout est pour le mieux dans le meilleur des mondes possibles”: Voltaire (1694-1778), *Candide*, chap. 30.

² Para o fim da guerra sino-japonesa, ver crônica de 21 de abril. Não localizamos a fonte desta citação.

³ Assim na *Gazeta*. Aurélio tem “lemos”.

⁴ A origem deste comentário é bem provavelmente uma reportagem na primeira página da *Gazeta* do dia 5 de junho, intitulada “Cousas eleitorais”, em que se alegam muitas irregularidades. Um exemplo: “Assim é que na Conquista, localidade baiana, o eleitorado era a 1º de março de 1894 de 892 cidadãos, e nove meses depois chegava a... 3328 votantes.”

coisa nova, nem baiana? Sabe-se muito bem que a urna é um útero. Peço licença para recordar uma frase, não delicada, não cortês, mas vigorosa, que antigamente se aplicava aos casos em que era preciso aumentar as cédulas; dizia-se: emprenhar a urna. Que admira, com tal força de natalidade, que os eleitores cresçam e apareçam?

É um mal, concordo; mas não haverá males análogos em outras terras? Olhemos para a Itália. As urnas italianas não são fecundas; aí vai, porém, um extraordinário fenômeno eleitoral.

Sabemos telegraficamente o resultado total da eleição da câmara. Há uns tantos deputados governistas, uns tantos radicais, uns tantos socialistas, finalmente um pequeno número de *indecisos*.⁵ Leitor, imita o meu gesto, deixa cair o queixo. Certamente a indecisão é um estado ou uma qualidade do espírito, mas o que me abalou estes pobres nervos cansados, foi imaginar a intenção dos eleitores que os mandaram para a câmara. Compreendo que os eleitores governistas perguntassem aos candidatos se eram pelo governo, e votassem neles, e assim os outros seus colegas. Não acabo de crer que inquirissem de alguns candidatos o que eram, e, ouvindo-lhes que ainda não estavam certos disso, corressem a elegê-los deputados. Uma só coisa pode explicar o fenômeno, a indecisão dos próprios eleitores; daí a escolha de pessoas não mais decididas que eles. Pode ser; mas semelhante mal parece-me ainda maior que a simples fecundação das urnas ou a multiplicação dos algarismos. Onde não há opiniões, é útil inventá-las; mas não as ter e mandar para a câmara pessoas igualmente pobres, nem é útil, nem legítimo.

Vejamos. Qual será a situação de tais deputados, quando começarem os seus trabalhos? A indecisão, antes de fazer mal ao país, faz mal ao próprio indivíduo que a tem consigo. Como falar? Como votar? Podem falar contra e votar a favor, e vice-versa, mas isso mesmo é sair da indecisão. Já não serão indecisos, serão inconsistentes. Hamlet, indeciso entre o ser e o não ser, tem o único recurso de sair de cena; os deputados podem fazer a mesma coisa. Saiam do recinto, quando se votar. Enquanto se discutir, não falem, não deem apartes, leiam uma página de Dante, posto que a leitura seja amarga, uma vez que o poeta põe justamente os indecisos logo no princípio do inferno, almas que não deixaram memória de si e são desprezadas tanto pela misericórdia como pela justiça:

⁵ Na terça-feira, dia 4, vieram os telegramas com os resultados das eleições italianas, vitória esmagadora para o homem forte da política italiana, Francesco Crispi (1818-1901). Na *Gazeta* os resultados foram anunciados da seguinte maneira: “330 governantes, 98, oposicionistas de direita e esquerda, 40 radicais, 17 socialistas e 17 sem cor política definida”.

Fama di loro il mondo esser non lassa;
Misericordia e giustizia li sdegna:
Non ragioniam di lor, ma guarda e passa.⁶

Melhor que tudo, porém, será imitar aquele personagem de uma velha comédia, que atravessa cinco atos sem saber com qual de duas moças há de casar, e acaba escolhendo uma delas, mas dizendo à parte (o que o deputado pode fazer em voz alta para que os eleitores ouçam): “Creio que teria feito melhor casando com a outra.” Assim se podem fundir a indecisão e o voto.

Dei um exemplo de defeitos que achem análogos em outras terras, sem diminuí-los⁷ da grandeza, como nos não diminuem os nossos. Nem por isso deixamos de caminhar todos na estrada da civilização, uns mais acelerados, outros mais moderados. Não vamos crer que a civilização é só este desenvolvimento da história, esta perfeição do espírito e dos costumes. Nem por ser uma galera magnífica, deixa de ter os seus mariscos no fundo, que é preciso limpar de tempos a tempos, e assim se explicam as guerras e outros fenômenos.

Um daqueles mariscos... Perdoem-me a comparação; é o mal de quem escreve com retóricas estafadas. O melhor estilo é o que narra as coisas com simplicidade, sem atavios carregados e inúteis. Vá este e seja o último. Um daqueles mariscos da galera é a desconfiança mútua dos homens e a convicção que alguns têm da patifaria dos outros. A confiança nasceu com a terra; a inocência e a ingenuidade foram os primeiros lírios. No fim do século passado dormia-se no Rio de Janeiro com as janelas abertas. Mais tarde, a polícia já apalpava as pessoas que eram encontradas, horas mortas, a ver se traziam navalha ou gazua. Afinal, começamos a ajudar a polícia; vendo que outros povos usam do revólver, para defesa própria e natural, pegamos do costume, e a maior parte da gente traz agora o seu.

Conquanto a necessidade seja triste, sai daí um melhoramento. Era costume nesta cidade, sempre que a polícia prendia alguém, entoar em volta do agente aquele belo coro da liberdade: *Não pode! Não pode!* Vai acabando o costume. Há dias, tendo um sujeito ferido ou matado a outro, foi perseguido pelo clamor público; como arrancasse a espada ao agente de polícia e usasse dela correndo, muitas pessoas

⁶ Do *Inferno* de Dante (c. 1265-1321), canto III, v. 49-51. “O mundo não deixa nenhuma fama deles / Misericórdia e justiça os menosprezam / Não falemos deles, mas olha e passa.” Há dois erros na transcrição do texto italiano no jornal. Ignoramos se têm sua origem na edição de que Machado se servia, se no próprio autor, ou nos compositores: como Aurélio, corrigimos ambos. Em vez de “li” na segunda linha estava “gli”, e na terceira, “ragionar” em vez de “ragioniam”.

⁷ Observe-se a silepse: Machado concorda o pronome com a ideia de “povos”, palavra que não está no texto. A naturalidade da expressão, entretanto, é surpreendente; ninguém percebe que a concordância deveria ser com “terras”.

correram atrás e a tiros de revólver conseguiram detê-lo e prendê-lo.⁸ O assassino ficou em sangue, verificando-se assim a sentença da Escritura: “Quem com ferro fere, perecerá pelo ferro.”⁹ Este processo de capturar à distância impedirá a fuga dos malfeitores.



⁸ Esta história apareceu, com mais detalhes, na *Gazeta de Notícias*, do dia 4 de junho de 1895, p. 2, coluna 3, sob o título “Assassinatos”.

⁹ S. Mateus 26:52.